

A AMAZÔNIA DO “ROMANCE AMAZÔNICO” – OBSERVAÇÕES SOBRE A CRÍTICA AOS ROMANCES DE INGLÊS DE SOUSA E SUA RELAÇÃO COM RELATOS DE VIAJANTES

*THE AMAZON IN THE “AMAZONIAN NOVEL”: COMMENTS ON THE
CRITICAL RECEPTION OF INGLÊS DE SOUSA’S NOVELS AND ITS
RELATION WITH TRAVELERS’ ACCOUNTS*

*Leandro Thomaz de Almeida*¹

RESUMO: O artigo parte de um levantamento da recepção crítica dos romances e contos de Inglês de Sousa para apontar o que considera um problema recorrente nela, qual seja, a afirmação de que essa literatura seria marcada por um caráter testemunhal, responsável pela sua designação em termos de “retrato fiel” e “objetivo” da realidade. Ao mesmo tempo em que se questiona essa leitura, propõe-se uma comparação entre trechos de romances e relatos de viajantes, como Walter Bates e Louis Agassiz, a fim de mostrar que algumas passagens semelhantes nos dois casos pode indicar uma das possíveis fontes do romancista na composição de sua obra, sugerindo, assim, que a representação de uma paisagem tipicamente brasileira pode ter sido construída a partir de um processo de “transferência cultural”. A partir disso, teríamos um entendimento mais complexo a respeito da construção da imagem da Amazônia no chamado “romance amazônico”.

PALAVRAS-CHAVE: romance; representação; viajantes; Inglês de Sousa.

ABSTRACT: *The article is based on a survey of the critical reception of novels and tales by Inglês de Sousa to point out a recurrent problem in it, namely, the claim that this literature would be marked by a testimonial character, as a “true picture” and “objective description” of reality. After questioning this reading, the article proposes a comparison of excerpts from novels and travelers’ accounts, such as Walter Bates and Louis Agassiz, in order to show that some similar passages in both cases may indicate possible sources for the writer’s fiction, suggesting therefore that the representation of a typical Brazilian landscape may have been built from a process of “cultural transfer”. Starting from this, we can build a more complex understanding of the Amazon image from the so-called “Amazonian novel”.*

KEYWORDS: *novel; representation; travellers; Inglês de Sousa.*

Na recepção crítica da prosa ficcional de Inglês de Sousa se formou a noção de que o autor foi testemunha da realidade descrita em seus romances, os quais conteriam, portanto, uma relação quase imediata com a realidade amazônica ao redor

1 Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp e Pesquisador Colaborador do Instituto de Estudos da Linguagem da mesma instituição. Realizou em 2015 estágio de pesquisa na University of California-Davis, com apoio da Fapesp. leandroth@gmail.com

da cidade de Óbidos, cenário de alguns de seus enredos. Já no século XIX, poucos anos após o lançamento de obras como *O missionário* (1888) e o livro de contos *Contos amazônicos* (1892), essa ideia era recorrente e usada como um dos parâmetros para reconhecer os méritos do escritor. Antonio Sales, jornalista que manteve relações profissionais com José Veríssimo e bastante ativo no círculo de letrados do Ceará, evidencia essa expectativa diante dos romances de Inglês de Sousa. Ao abordar nas páginas da *Revista Brasileira*, em 1897, duas obras do autor, *O missionário* e *Contos amazônicos*, ele afirma:

Verdadeiros quadros de vida rural dá-nos, por exemplo, o Sr. Inglês de Sousa no *Missionário* e nos *Contos Amazônicos*. Nesses trabalhos do seu ilustre confrade encontrará o Sr. Coelho Neto cenas palpitantes de verdade, de uma singeleza forte e dominadora pela sua flagrante sinceridade. Não narra nem descreve assim quem quer, mas somente os que de perto veem e observam as figuras e os cenários, para poder, como o Sr. Inglês de Sousa, dar à ação da novela a verossimilhança perfeita, a iniludível naturalidade, o que não implica a autenticidade absoluta, pois que a missão da Arte não é dar-nos reproduções fotográficas, senão uma representação sábia e sutil das coisas, contanto que nos desperte a emoção da verdade, o *frisson du vrai*. (SALES, 1897, p. 52)

Chama atenção para a conclusão de Antonio Sales: “não narra nem descreve assim quem quer, mas somente os que de perto veem e observam as figuras e os cenários”. Vemos presente a noção de que o escritor teria procedido a uma observação *in loco* e depois transcrito que viu para as páginas do romance – conquanto Sales tenha a prudência de dizer que essa descrição não equivale a “autenticidade absoluta”.

Expectativa semelhante vemos no artigo de Souza Bandeira, que seria empossado membro da Academia Brasileira de Letras em 1905. Intitulado “O padre catholico e a catechese”, publicado na *Revista Brasileira* em 1899, ele tece considerações sobre o processo de catequização a que foram submetidos os indígenas no Brasil quando da chegada dos primeiros portugueses. O artigo oferece considerações a propósito de um tema histórico, o exame de seus aspectos positivos e negativos, críticas variadas ao modo de implementação da catequese e, finalmente, uma questão a ser explorada: se o clero continuará a demonstrar o mesmo fervor que teria demonstrado outrora, no início de seu empreendimento evangelizador, dadas as transformações pelas quais, segundo o articulista, passava a religião católica no limiar do século XIX. O procedimento pelo qual se buscará responder à questão dá mostras da expectativa lançada por Bandeira ao romance de Inglês de Sousa: “É um estudo desta natureza que se propõe fazer o Dr. Inglês de Sousa, no seu livro *O missionario*, de que com o esmero e nitidez do costume a casa Laemmert acaba de dar uma segunda edição” (BANDEIRA, 1899, p. 114). Souza Bandeira, desse modo, tem a expectativa de que o romance responda a uma questão concreta da

sociedade de seu tempo. Se o romance é visto como “estudo”, certamente recai sobre ele a expectativa de que ofereça algo mais do que somente um exercício descompromissado de imaginação. Daí a valorização do que Bandeira toma como habilidade descritiva do narrador:

Renuncio a descrever o que seja esta viagem e remeto o leitor para o próprio livro. Só lendo o Dr. Inglês de Sousa se poderá ter a impressão daquelas cenas pitorescas vividas no meio da floresta misteriosa e vivificante, daquelas belas descrições de uma natureza majestosa e monótona, daquelas solidões ínvias e povoadas de perigos de toda espécie, em que o Padre Antonio, restituído ao seio do opulento cenário que lhe embalara a infância, sente-se outro, revive a sua meninice e ‘evoca ideias, sentimentos e sensações que em tropel confundem-se no seu cérebro e dão-lhe um apetite monstruoso de ar, de gozo, de liberdade sem peias, pondo-o numa espécie de demência, como se um perfume sutil o entontecesse...” (BANDEIRA, 1899, p. 120)

Ocupa um importante papel na argumentação de Bandeira a fidelidade descritiva do autor na composição de sua obra, uma vez que ele associará mais à frente em seu artigo o desenlace do protagonista com o ambiente selvagem pelo qual estava envolvido. Logo, um dos destaques do crítico se dirige à habilidade de Inglês de Sousa em oferecer ao leitor um relato fidedigno da grandiosidade da paisagem amazônica.

Os modos de compreender a prosa de Inglês de Sousa anteriormente apresentados se afinam com as expectativas muito presentes no último quartel do século XIX a respeito de uma literatura capaz de retratar a realidade fielmente, apesar das muitas críticas recebidas pelo conteúdo considerado ofensivo, como aconteceu com os romances naturalistas. Eram difundidas nessa época as teorias de Émile Zola sobre o romance, as quais defendiam que se trocasse a imaginação pela observação da realidade (embora seja prudente dizer que a reflexão teórica do autor francês seja mais nuançada do que supõem algumas frases de efeito cunhadas por ele mesmo, como mostra Henri Mitterrand em *Le regard et le signe* [MITTERAND, 1987, p. 5]).

Essa diretriz teórica deve ser compreendida à luz dos debates travados pela literatura naturalista. Ao apelar para o que seria observação direta da realidade (ou da natureza, termo bastante frequente nos debates críticos), os autores naturalistas perceberam a utilidade do gesto: invocavam o real contra a fantasia romântica, equiparavam a realidade à verdade e, de sobra, ainda se defendiam dos ataques críticos que os associavam à imoralidade. Não estranha, portanto, que se perceba a adesão de letrados a essa concepção e sua aplicação na avaliação de um romance com características realistas/naturalistas nesse período, como vimos acontecer com Inglês de Sousa nos casos acima, os quais são apenas um exemplo do que é possível encontrar em outras abordagens da mesma época.

Menos compreensível é que se tenha continuado a ler o romance de Inglês de Sousa em moldes semelhantes, tomando-o como relato testemunhal, fidedigno, objetivo, da realidade amazonense, mesmo nos séculos XX e XXI, após todo um volume de discussões teóricas tanto sobre o romance naturalista quanto sobre a relação nada tranquila entre a narrativa e seu referente.

Vemos, por exemplo, que a expectativa de Massaud Moisés é a de que o romance de Inglês de Sousa seja decorrente de observação da realidade descrita. Sobre o *O coronel Sangrado*, a sentença é a de que ele é “realista pelo verismo das cenas, pelo registro fidedigno, *testemunhal*, da ecologia amazonense, mas não pela intenção, e sem esta, a obra oscila entre o realismo-romântico e o Realismo propriamente dito” (MOISÉS, 2001, p. 48 – grifo do autor). Vemos o crítico apontar para um caráter próprio à observação: registro fidedigno e testemunhal da ecologia amazonense. É curioso como essa maneira de compreender o trabalho literário de Inglês de Sousa convive com a consciência de que ele não contemplou a paisagem que descreveu no romance: “longe da terra natal desde 1870, Inglês de Sousa trabalhou somente com a memória na fixação das cenas que se desenrolam na mata; daí, provavelmente, o sentido que a natureza assume na segunda parte de *O missionário*” (MOISÉS, 2001, p. 50).

O mesmo se vê no texto de apresentação de Bella Jozef a *Inglês de Sousa – textos escolhidos*. Ela afirmou que o autor “move-se em seu tempo, observa e descreve a sociedade em cujo âmbito vive” (JOZEF, 1963, p. 14). Sua pretensão seria a de “dar um espelho fiel quanto possível do homem e do mundo que o rodeia” (JOZEF, 1963, p. 14). Pela proximidade da temática de seus romances com aspectos próprios da região amazônica, um dos méritos de seu romance seria o de se apresentar como “verdadeiro documento social” (JOZEF, 1963, p. 14). O romance de Inglês de Sousa continua sendo tomado como fruto da observação *in loco* do autor: “se houve regionalismo [em *O coronel Sangrado*] foi para, através dele, chegar à realidade, com figuras que [o autor] viu e observou, fugindo à imaginação” (JOZEF, 1963, p. 15). *O missionário* é inscrito na mesma chave de compreensão, como se fora fruto do “estado de espírito do autor”, que escreveu o livro como reação ao fato de estar “confinado à mediocridade da vida provinciana” (JOZEF, 1963, p. 15). Ele procurou, com esse romance, a “exatidão no retrato da realidade” (JOZEF, 1963, p. 16). Vê-se, portanto, que na concepção de Bella Jozef o romance do autor amazonense é todo construído sobre a base do contato direto de Inglês de Sousa com uma realidade amazonense.

Essa maneira de abordagem não foi exclusiva das histórias literárias ou de trabalhos de fôlego mais curto. Podemos vê-la também em abordagens mais detidas sobre Inglês de Sousa, como é o caso de *Land of metaphorical desires – The representation of Amazonia in Brazilian Literature* (1998), de Pedro Maligo. Recorrente

no livro é a afirmação de que a obra literária deve ser lida como documento, designação que sugere, na esteira de Hayden White, autor evocado por Maligo, uma equivalência entre história e literatura. Ciente de que essa relação demanda desdobramentos impossíveis de serem abordados satisfatoriamente no espaço aqui disponível, ressalta apenas sua implicação extraída pelo autor: “no contexto de uma literatura que pretende ser tanto informativa quanto artística é muito natural que o tratamento temático da Amazônia seja orientado em direção ao documentário” (MALIGO, 1998, p. 12).² O aspecto documental da narrativa seria garantido por passagens dos romances que trazem a descrição de elementos folclóricos e festivais religiosos ou observações sobre os costumes próprios de determinada localidade.

Como consequência desse princípio, Maligo entende que a Amazônia, ao menos nos primeiros romances de Inglês de Sousa, como *O cacaulista* e *O coronel Sangrado*, é “retratada muito objetivamente” (MALIGO, 1998, p. 32), em contraste com um romance como *O missionário*, no qual a natureza seria interpretada como um local propício para que o personagem principal da trama encontrasse resposta para seus dramas, o que faria com que as detalhadas descrições nele contidas tivessem um caráter mais subjetivo.

O aspecto que me parece problemático nessa proposta advém da distinção entre “objetivo (ou documental)” e “subjetivo” na abordagem do texto ficcional. Haveria duas linhas de força atuantes na composição do romance. De um lado, o que o autor chama de “modo objetivo de descrição” (MALIGO, 1998, p. 23) e, de outro, “uso de referência simbólica à natureza por meio do fenômeno que se estende até o imaginário e o mítico” (MALIGO, 1998, p. 24). Essa distinção procura apontar, por um lado, para a intenção de descrever a natureza, destacar suas características, limitar-se ao mundo físico e visível. Por outro, quer chamar a atenção para o efeito da natureza na caracterização ou ações de determinadas personagens. Ainda assim, entendo que, por mais competente que seja o efeito de verossimilhança alcançado com determinada caracterização de coisas ou pessoas, ou, ainda, por mais válido que seja o julgamento a respeito da qualidade de realização de determinada obra com intenções realistas, no empreendimento ficcional o que sempre estará em ação é um processo subjetivo, uma vez que em nenhum momento o autor do texto se exime da necessidade de fazer escolhas. Voltarei a isso à frente.

Outro estudo mais detido sobre o escritor paraense é o livro de Mauro Vianna Barreto, *O romance da vida amazônica – uma leitura socioantropológica da obra literária de Inglês de Sousa* (2003). Barreto se propõe a ler o romance de Inglês de

2 Todas as traduções, salvo indicação contrária, foram feitas pelo autor do artigo.

Sousa por um viés que ele chama de “socioantropológico”, a partir do qual a ficção comportaria, nas palavras de Peregrino Júnior citadas por ele, um caráter de “documentário exato e minucioso da vida amazônica” (PEREGRINO JÚNIOR apud BARRETO, 2003, p. 144). Os romances e contos, desse modo, são entendidos como “documento sociológico” (BARRETO, 2003, p. 79), porque Inglês de Sousa “não escrevia seus romances pretendendo fazer apenas ficção, mas também esperava que espelhassem a realidade da forma mais exata possível” (BARRETO, 2003, p. 77). A partir desse modo de apreensão do romance, que o entende como retrato fiel da realidade nele descrita, considera-se que “a obra inglesiana deve ser lida como uma representação da sociedade amazônica oitocentista sob o prisma da literatura realista”, a partir do que ela se resguarda como “fonte confiável sobre essa mesma realidade” (BARRETO, 2003, p. 201). Ela seria, finalmente, uma mistura de “literatura e crítica social, arte e ciência e de romance e antropologia” (BARRETO, 2003, p. 202).

Um dos embasamentos mais importantes para essa compreensão reside no modo como se entende o papel de Inglês de Sousa nesse cenário. Para apostar nesse caráter documental do romance, como se ele fosse fruto de acurada observação da realidade e seu autor tivesse realizado o gesto de “transpor para a ficção a realidade amazônica” (BARRETO, 2003, p. 78), Barreto parece ter se valido da difundida ideia de que Inglês de Sousa foi testemunha ocular da realidade descrita em seus romances. Ao falar do “mundo amazônico” presente na obra do escritor, o crítico afirma: “mundo este que Inglês de Sousa procurou destrinçar de maneira objetiva, revelando grande espírito de observação e rigorosa veracidade na descrição da natureza e do homem que a habita” (BARRETO, 2003, p. 201). A partir de afirmações como essa, a imagem sugerida é a de que Inglês de Sousa teria se embrenhado na mata, nas vilas ribeirinhas e nas pequenas cidades e povoados com um caderno de anotações à mão, pronto a colher depoimentos, registrar imagens e empreender pesquisas que lhe permitissem, depois, escrever seus romances e contos.

Entendo que elementos tais como a ideia de que Inglês de Sousa só poderia ter escrito como o fez se tivesse testemunhado determinada realidade, de que seus romances suprimem a imaginação para dar lugar à observação, de que há um caráter objetivo em seu empreendimento descritivo e o de que seus romances podem ser tomados como documento fidedigno sobre a Amazônia não apenas permitem, mas pedem algumas observações úteis para mostrar uma complexidade maior do que a sugerida por essas afirmações.

A primeira delas se refere a um dado biográfico de Inglês de Sousa que impossibilita sustentar a ideia de que ele tenha escrito seus romances como testemunha da realidade neles descrita. O escritor saiu da região amazônica aos onze anos, em direção ao Maranhão, de onde foi para o Rio de Janeiro, aos treze. Ou seja, todos os

seus romances e contos foram escritos a distâncias consideráveis da realidade neles descrita. Embora tenha retornado uma vez à sua terra de origem, a estadia foi curta e caseira, segundo seu filho, Paulo Inglês de Sousa, que comenta esse breve retorno ao Pará: “Foram dois meses apenas que passou no convívio da família, sem quase sair de casa. Veio para o Sul e jamais tornou à Amazônia” (apud BARBOSA, 1968, p. 107). Assim, dos seus romances, a notícia que temos é que foram publicados entre Santos (*O cacaulista, História de um pescador, O missionário*), São Paulo (*O coronel Sangrado*) e Rio de Janeiro (*Contos Amazônicos*). Mesmo que concedamos veracidade à afirmação do mesmo Paulo Inglês de Sousa de que os romances de seu pai foram “quase todos, se não todos, escritos na primeira mocidade, quando ainda estudante no Recife” (apud BARBOSA, 1968, p. 107), isso apenas corrobora a ideia de que o escritor não estava na Amazônia *testemunhando* aquilo sobre o que escrevia.

Em seu livro, Barreto entende que elementos que embasariam a narrativa do escritor seriam “as impressões pessoais que Inglês de Sousa possuía da Amazônia”, as quais provinham “de suas espaçadas lembranças de infância” e dos dois meses de férias acima referidos (BARRETO, 2003, p. 201). Tais lembranças teriam sido ampliadas “pela ótica e memória de seus genitores, sobretudo de seu pai [...] que o teria assessorado como uma fonte de consulta permanente, fornecendo-lhes argumentos e dados sobre a realidade sociocultural local” (BARRETO, 2003, p. 73-74).

De fato, pode ter havido tanto um quanto outro elemento apontado por Barreto. Mas seriam eles suficientes para explicar a minúcia descritiva dos romances e contos do autor? Por mais que os dois meses de férias acima mencionados tenham sido de intensa exploração – o que, seria de se supor, não passaria despercebido nas poucas notas biográficas a respeito do autor –, parece-nos que outra tentativa de explicação deve ser buscada. Curiosamente, o próprio livro de Barreto sugere muitas pistas nesse sentido, ao oferecer uma série de aproximações temáticas entre a prosa ficcional de Inglês de Sousa e os relatos de viagem existentes então sobre a Amazônia. Essa é a segunda observação que me parece necessária.

Em *O coronel Sangrado*, romance publicado em volume em 1882 (saíra em 1877 na *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*, de São Paulo), encontramos uma das mais explícitas referências ao que poderíamos tomar como possíveis fontes para sua composição. A certa altura do enredo, que se desenvolve ao redor da cena política da pequena cidade de Óbidos, Miguel, personagem que divide as atenções com o tenente-coronel Severino de Paiva, parte para uma pescaria em um lago próximo de sua residência, ocasião para que o romance adquira um tom descritivo que pretendo destacar aqui: “As flores da vitória-régia são a princípio de uma *alvura deslumbrante*; à medida que sobre elas passa o tempo, vão tomando *todos os matizes da cor-de-rosa*, até que ficam de um *vermelho vivo e acetinado*”

(SOUSA, 1968, p. 108 – grifos nossos). Trata-se de uma descrição da vitória-régia semelhante ao que se pode encontrar, por exemplo, naquela oferecida pelo naturalista Louiz Agassiz em *Viagem ao Brasil (1865-1866)*:

[...] todos os viajantes descreveram a Vitória-Régia, a sua formidável armadura de espinhos, suas folhas colossais e suas admiráveis flores, cuja coloração vai do *branco aveludado* através de *todas a gradações do rosa*, até o *púrpura escuro*, para voltar, no centro, a uma cor leitosa um tanto amarelada. (AGASSIZ & AGASSIZ, 1938, p. 439 – grifos nossos)³

Chamo atenção para as cores e a sequência em que são apresentadas, semelhantes nos dois registros. Em trecho imediatamente anterior, o narrador já havia feito um comentário sobre a vitória-régia após narrar o gesto de Miguel quando este se volta para a vitória-régia: “[entreteve-se Miguel] em apanhar as sementes saborosas da maravilhosa planta, que tanto entusiasmo causou ao viajante inglês Bridges, que lhe deu o nome da sua graciosa soberana” (SOUSA, 1968, p. 108). A questão da nomenclatura da vitória-régia é mais complexa do que o romance apresenta,⁴ mas o mais importante aqui é saber que o “viajante inglês Bridges” é, muito provavelmente, o botânico Thomas Bridges (1807-1865). Sobre ele, temos a informação de que, em 1844,

[...] após aproximadamente três meses, no início de abril de 1844 ele cruzou as montanhas a nordeste de Cochabamba e entrou na bacia do Amazonas descendo para o rio Mamoré ao norte, em direção à fronteira brasileira. Em julho de 1845 quando ele encontrou Vitória, ele estava em Santa Ana, no rio Yacuma, um tributário do Mamoré. (JOHNSTON, 1928, p. 104)

Temos, portanto, no romance, tanto trechos assemelhados a relatos de viajantes, quanto indicações diretas da presença deles no Brasil. Observe-se a sequência da narrativa, que descreve a vitória-régia e poderia sem qualquer adaptação ser transplantada para um relato de viagem: “As folhas desta belíssima ninfácea têm de quatorze a dezoito pés de circunferência; a parte superior é de um verde escuro luzidio, e a inferior é carmesim, cortada de muitas veias salientes e celulares cheias de ar; o todo é coberto de espinhos moles e elásticos” (SOUSA, 1968, p. 108). Foram produzidos dezenas desses relatos recobrando os mais variados aspectos da

3 O trecho é uma tradução da seguinte passagem em inglês: “The Victoria regia, with its formidable arms of spines, its gigantic leaves, and beautiful flowers, deepening, in color from the velvety White outer leaves through every shade of rose to deepest crimson, and fading again to a creamy, yellowish tint in the heart of the flower” (AGASSIZ, 1868, p. 355).

4 Segundo William Seaman, a planta teria sido descoberta primeiramente por quem ele chama de Haenke – vale notar que um “Haerke” é citado em um trecho de *O coronel Sangrado* –, na Bolívia, depois observada por Bonpland e, após D’Orbigny e Schomburg, finalmente Seaman cita a observação de Bridges (SEAMAN, 1891, p. 163-164).

Amazônia, não só os relativos ao ambiente natural, mas também voltados à cultura dos habitantes dessa imensa região.

Ao se comparar romance e relato de viagem, notamos, portanto, aproximações temáticas entre ambos, que permitem pensar que o primeiro tenha se apropriado do segundo, hipótese lançada também por Lesley Wylie em relação à chamada *novela de la selva*.⁵ Nesse sentido, poder-se-ia aqui apontar mais um dentre tantos exemplos, agora relativo aos índios, no romance *O missionário*, do mesmo Inglês de Sousa, e as descrições contidas sobre eles em relato do naturalista Walter Bates. No romance, os Mundurucus são apresentados de modo bastante negativo, “temível praga de índios bravos” que “entorpeciam o progresso” do Amazonas, “inimigos de Deus que matam e esfolam uma criatura” (SOUSA, 188, p. 132). No relato de Bates, há descrição semelhante sobre a mesma tribo:

Tinham o diabólico costume, em seus primeiros dias, de cortar as cabeças dos inimigos mortos, e conservá-las como troféus em torno de casa [...] costumavam eles separar a cabeça com largas facas de bambu e, depois de tirar o cérebro e as partes carnudas, deitá-las de molho em óleo vegetal amargo (andiroba) e expô-las durante vários dias à fumaça ou ao sol. (BATES, 1944, vol. II, p. 126-127)

Mas não é apenas na aproximação temática que podemos vislumbrar uma possível relação entre romance e relato de viagem. Os jornais de finais do século mostram que a presença dos viajantes e de seus livros eram acontecimentos notados pela sociedade, sugerindo que o acesso ao resultado de suas viagens era relativamente fácil para alguém com o perfil de Inglês de Sousa. A partida de Walter Bates, por exemplo, foi noticiada no norte do país, tanto em *A Epoch*, que anunciou que “Henrique Walter Bates retira-se para fora do Imperio”,⁶ quanto na *Gazeta Official*, que relacionou entre as “pessoas despachadas no dia 26”, “Henry Walter Bates, inglez, para New York”.⁷

Quanto a Louis Agassiz, vemos que Inglês de Sousa poderia ter ouvido uma de suas palestras proferidas pelo viajante no Instituto Cooper, a qual se realizou no mesmo ano em que o escritor se mudou para o Rio de Janeiro. O *Diário do Rio de Janeiro* noticia que:

Esta valiosa série de preleções sobre a região do Amazonas na América do Sul, com toda a sua beleza e variedade de vegetação, riqueza de recursos minerais e novas

5 Na definição de Wylie, *novela de la selva* “denota romances da América Hispânica que se distinguem pelo recurso à selva não só como espaço físico, mas também como símbolo dos limites da escrita europeia nos trópicos” (WYLIE, 2009, p. 3).

6 *A Epoch*, 20/5/1859, p. 3.

7 *Gazeta Official*, 27/5/1859, p. 1.

características de estrutura geológica e de vida animal, são feitas sob os auspícios da Sociedade Promotora das Ciências e Artes e são devidamente apreciadas pelos cidadãos desta cidade, o que acredita o gosto e critério do nosso povo.⁸

Caso não pudesse ter estado presente, Inglês de Sousa poderia ter lido a transcrição da palestra que saiu no jornal nesse número e nos seguintes.

Tomemos o nome de outro viajante, Émile Carrey, que publicou, além de outro livros, três volumes sobre suas viagens pela América do Sul, incluindo a Amazônia: *L' Amazone: Huit jours sous l'Équateur* (1856), *L' Amazone: Les métis de la savane* (1857) e *L' Amazone: Les révoltés du Para* (1857). A recorrência de anúncios dos livros de Carrey comprova sua tradução e circulação no Brasil poucos anos após sua primeira edição na França. De 1863 a 1867, encontramos anúncios dos livros de Carrey no *Correio Paulistano*, por exemplo, que anuncia “Os revoltosos do Pará – descrição de viagem. Traduzida e anotada por F. F. da Silva Vieira.”⁹ Mas não apenas em São Paulo vemos indícios da presença dos livros de Carrey. O *D. Pedro II*, de Fortaleza, anuncia *O Amazonas – Mulatos de Marajó* em sua edição de 8 de maio de 1862. Em outros dois jornais de São Luís, no Maranhão, temos notícia não apenas das viagens do viajante francês, mas a transcrição de trechos de seus relatos, tanto em *A coalizão*¹⁰ quanto em *O artista*.¹¹ Em suma, podemos ver que a narrativa de Carrey, um misto de relato de viagem e romance, esteve presente em pelo menos três regiões distintas do Brasil, evidenciado que seu acesso não era algo difícil de ser obtido.

Finalmente, pensemos em Franz Keller-Leuzinger (1835-1890). Na década de 1860, Leuzinger fez uma expedição pelo Alto Amazonas e publicou um relato dessa viagem na Alemanha em 1874, *Vom Amazonas und Madeira. A nação*, periódico carioca, noticia esse lançamento no mesmo ano. Três anos depois, era possível ler em português, em um órgão de divulgação científica como *O vulgarizador*, do Rio de Janeiro, um trecho do relato de Leuzinger sobre seu “Encontro com os índios caripunas”.¹² Esse levantamento nos mostra que seria salutar reconhecer uma relação mais complexa na questão que envolve a representação ficcional da Amazônia, aqui pensada a partir da prosa ficcional de Inglês de Sousa.

8 *Diário do Rio de Janeiro*, 2/6/1867, p. 1.

9 *Correio Paulistano*, 27/01/1863, p. 4.

10 *A coalizão*, 8/5/1862, p. 2.

11 *O artista*, 3/1/1863, p. 2.

12 A edição de *O vulgarizador* consultada não trazia informações sobre a data de publicação do trecho, mas vemos um anúncio dela no *Diário do Rio de Janeiro* de 16/8/1877, p. 1.

Para aprofundar essa questão precisamos nos deter, ainda que brevemente, em uma reflexão sobre a narrativa e seu referente. Quero trazer aqui algumas problematizações básicas ao cenário depreendido das críticas sobre a prosa ficcional de Inglês de Sousa, as quais ofereceram uma visão excessivamente plaina sobre um terreno muito mais acidentado. Cabe bem aqui lembrar da advertência de Antonio Candido sobre a “relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente” (CANDIDO, 1973, p. 12). É o que pretendo apontar com a contribuição já antiga de Terry Eagleton em *Criticism and ideology*.

Eagleton afirma que “a noção de uma relação direta e espontânea entre texto e história [...] pertence a um empirismo ingênuo a ser descartado” (EAGLETON, 1978, p. 70), afirmação que ele justifica referindo-se quase a um truísmo, ao dizer que “mesmo se [o texto] mantém precisão histórica empírica, esta é sempre um tratamento *fictional* [da história], uma operação com dados históricos de acordo com as leis da produção textual” (EAGLETON, 1978, p. 70). Entendemos que essas observações são válidas mesmo que não se compre todo o pacote de Eagleton sobre o modo como a história entra no texto – sempre como ideologia –, questão que está fora de nosso alcance aqui.

Essa crítica não equivale à transformação do texto em um monólito autossignificante sem relação com a realidade. Antes, ela quer apontar para as mediações existentes entre texto e realidade, impedindo certas afirmações sobre o romance – mesmo realista, mesmo naturalista – que afirmam ser ele resultado da transposição da realidade para a ficção:

Esse ‘pseudo’ ou ‘textual’ real não é relacionado ao real histórico como uma ‘transposição’ imaginária dele. Mais do que ‘transpondo imaginativamente’ o real, a obra literária é a produção de certas representações do real produzidas em um objeto imaginário. Se ela se distancia da história, não é porque ela a transmuta em fantasia, mudando de uma engrenagem ontológica para outra, mas porque as significações que operam na ficção já são representações da realidade, mais do que a realidade em si. (EAGLETON, 1978, p. 75)

Essa afirmação não desautoriza em nenhum momento a admissão de que nos romances de Inglês de Sousa possa haver grande semelhança entre as cenas narradas e a “vida real” das comunidades ribeirinhas ou da sociedade de Óbidos ao qual elas se referem. Não está em questão aqui a competência do autor para criar efeitos de realidade ou verossimilhança; o que se afirma é que tanto no caso de Inglês de Sousa e sua proposta realista/naturalista, quanto no caso de, digamos, um *nouveau roman* que se ocupasse da Amazônia, o que está em operação é um modo de conceber a realidade a ser tematizado no romance. As percepções do autor, o significado

por ele atribuído a determinadas configurações sociais ou naturais, sua resposta a certos estados de coisas são todos elementos que se interpõem entre a realidade e sua representação ficcional. Alguns dados da biografia de Inglês de Sousa podem ilustrar essa afirmação.

Em 1877, seu romance *O coronel Sangrado* apareceu pela primeira vez, como dissemos, nas páginas da *Revista Nacional de Ciências Artes e Letras*. Ele aborda as tramas políticas da pequena cidade de Óbidos e os conchavos, arranjos e traições entre as autoridades locais com vistas à eleição e nomeação de seus protegidos, quando não de si mesmos, ensejando uma visão bastante negativa sobre o exercício do poder nessa localidade. A bufonaria do Coronel Sangrado em sua sanha pela eleição do apadrinhado Miguel, sem que este sequer tenha ciência dos acontecimentos envolvendo seu nome, coopera para gerar uma imagem desabonadora dos políticos, dos partidos e da sociedade obidense de maneira geral, pois os eleitores também estão aptos a vender seu voto ou a serem dirigidos pela força de patrões e proprietários.

No ano de lançamento de *O coronel Sangrado*, Inglês de Sousa atuou na imprensa paulistana, e já no início do ano seguinte podemos acompanhar algumas querelas envolvendo seu nome sendo divulgadas na imprensa, sobretudo no jornal *Correio Paulistano*. São pequenas notas, pelas quais vemos algumas críticas, como esta:

Dolzani [pseudônimo utilizado por Inglês de Sousa na publicação da maior parte de seus romances] espera ainda sua fatia. Quando subiu o gabinete de 5 de Janeiro, sonhou o homem com uma presidência de província, uma secretaria pelo menos e... nada! Observa a situação política, a ver se desponta no horizonte algum emprego mas, por enquanto, de balde...¹³

Por ela se nota que Inglês de Sousa foi apontado como alguém pretendendo a cargos e possivelmente tendo expectativas sobre possíveis ganhos de acordo com as mudanças políticas do momento. Houve de fato uma recorrência no *Correio Paulistano* a menções ao escritor, sempre de maneira desabonadora e crítica em relação à sua atuação enquanto homem público ou ocupante de cargos administrativos. Veja-se um último exemplo disso:

Dignus est mercenaria... – Consta que será nomeado secretário da Faculdade de Direito o bacharel Herculano Marcos Inglês de Sousa. Não nos admiraremos com mais esse escândalo do Sr. Leôncio, que mostra o interesse que toma pela instrução superior, demitindo o exemplaríssimo ex-secretário da Faculdade e substituindo-o pelo dr. Inglês de Souza. Este senhor, que numa queixa chamou o querelado – o *queixado* – e que todos os dias dá provas de sua incapacidade, e de sua ignorância, irá introduzir nos atos da congregação – o estilo de Óbidos! O lugar de secretário da Faculdade, ocupado

13 *Correio Paulistano*, 9/4/1978, p. 2.

pelo ilustre conselheiro Brotero, pelos ilustrados doutores Artur Guimarães e Azevedo Marques Filho, que tanta confiança mereceram da congregação, vai ser ocupado pelo sr. Inglês de Souza. Mas é preciso que os srs. liberais paguem ao sr. Inglês o aluguel do seu nome para o frontispício da Tribuna!!... E o que é pior é que a paga há de ser feita à custa do Estado e com detrimento do serviço público. Como é sublime a moralidade desta regeneração!¹⁴

Não pretendo explicar a obra pela biografia de seu autor, mesmo porque os romances foram publicados pouco tempo antes dos trechos aqui trazidos com as críticas a Inglês de Sousa, os quais tomo como indícios de uma situação que pode ter começado em anos anteriores; apenas quero ilustrar a afirmação acima sobre as representações do real sugerindo que um dos possíveis alvos do romancista ao retratar um cenário político tão negativo como o de Óbidos poderia ter sido seu presente contexto político em São Paulo. Entre a realidade amazônica e sua representação no romance se interpõem os efeitos de sentido que o autor pretende imprimir em sua obra. Não sabemos o que o articulista que fez duras críticas ao romancista quis dizer quando mencionou “o estilo de Óbidos” a ser introduzido na Faculdade caso Inglês de Sousa ocupasse o cargo de secretário, mas sua fala atesta a possibilidade de que seu romance tenha sido compreendido como uma forma de intervenção em um contexto político distante e diverso daquele da Amazônia.

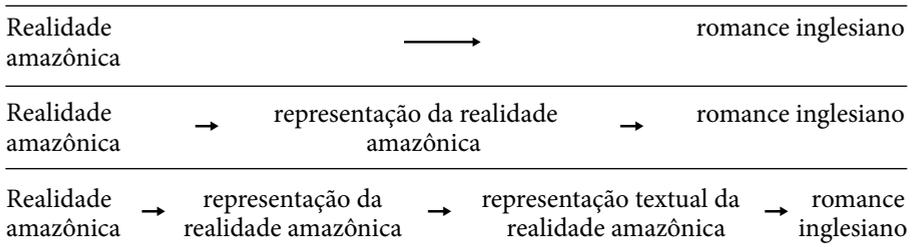
Além disso, no contexto de um significativo crescimento do interesse pela região amazônica nas últimas décadas do século XIX, perceptível pelo número de artigos sobre o tema publicados na imprensa, como os de Franklin Távora e José Veríssimo, bem como pela maior visibilidade conferida a uma literatura interessada no norte do Brasil, apta a reverter uma imagem predominantemente negativa retratando-o como expressão autêntica do país, é plausível pensar que Inglês de Sousa tenha encontrado um ambiente cultural propício para seu empreendimento literário, como afirma Orna Messer Levin ao discutir o tema da Amazônia e a literatura do norte:

Essa atmosfera intelectual favorável aos interesses do Norte pode explicar a iniciativa pioneira de Inglês de Sousa de escrever histórias inspiradas por um novo olhar científico para a paisagem amazônica e seu povo. Ela pode, certamente, explicar também a entusiástica e calorosa acolhida que suas narrativas tiveram nas províncias do Sul, como São Paulo e Rio de Janeiro. (LEVIN [inédito])¹⁵

14 *Correio Paulistano*, 16/5/1978, p. 3.

15 Talvez houvesse aí uma pista para responder à dúvida a respeito da opção de Inglês de Sousa em investir na produção literária lançada por Jeffrey Needell: “[...] as alternativas para as escolhas de Inglês de Sousa entre homens de repertório similar tornam sua decisão incompreensível. A empreitada literária era inviável para alguém desejando um ‘respeitável’ padrão de vida sem renda própria” (NEEDEL, 1987, p. 95).

No caso de Inglês de Sousa, se não bastassem esses elementos para problematizar as afirmações recorrentes em sua recepção crítica, temos ainda sua possível apropriação de relatos de viajantes para compor seus romances. Haveria aí uma dupla mediação entre romance e realidade. Não só a proveniente da representação da sociedade e natureza amazonenses a ser transposta para o romance, mas também a representação da realidade elaborada em outra instância textual (relatos de viagem) a ser transposta para o romance. Em um esquema que procurasse resumir o que propusemos até aqui teríamos três modos de conceber o “romance amazônico”, o primeiro deles apontando para o consenso crítico indicado anteriormente; e os outros dois pretendendo tornar essa crítica mais complexa. Assim:



Como é frequente acontecer em esquemas, esse também não compreende todas as nuances que entendo estarem envolvidas na relação do romance com a sociedade (ao menos mais uma seta apontando do romance para a realidade amazônica seria de bom alvitre), mas ilustra bem as mediações para as quais queremos apontar. A presença de relatos de viajantes no terceiro esquema nos remete às “instâncias de mediação” presentes na difusão de ideias sobre a Amazônia.

Segundo Michel Espagne, podemos chamar de “instâncias de mediação” a contribuição trazida por diferentes agentes envolvidos na difusão de ideias, como escritores, editores, tradutores, viajantes etc. Nessa relação, não se pensa em termos de fidelidade entre “original” e “cópia”, mas nas características das produções culturais e seus novos formatos ou significados após sua transformação em algum momento da cadeia de mediação. No caso aqui em discussão, determinada imagem da Amazônia estaria sendo transmitida pela mediação de viajantes e tradutores, apropriada e transformada por um romancista. Certamente isso não explica todo o processo de criação dos enredos e das opções descritivas que se veem nos romances de Inglês de Sousa, mas é um elemento importante para chamar atenção para outra relação entre o romance e seu referente, distinta daquela predominante na recepção crítica de sua obra. A partir disso, mais pertinente do que pensar os romances e contos do autor a partir do grau de fidelidade que ela demonstra com o que é nela narrado, seria discutir as características de sua realização, as maneiras

pela qual foi compreendida ao longo do tempo e os possíveis efeitos de sentido que podem gerar ainda hoje.

Nos relatos de viagem, por sua vez, são oferecidas descrições sobre a Amazônia que não são neutras ou objetivas. Quando declara que “a preguiça e desmazelo incorrigíveis do povo impedem que ele se cerque de todas as riquezas de uma região tropical, [...] como certamente fariam os inteligentes fazendeiros europeus” (BATES, 1944, vol. I, p. 297), Walter Bates mostra que sua terra natal serve de parâmetro avaliativo para sua descrição; ainda no âmbito mais da avaliação do que da simples descrição, sobre a lenda do Curupira ele afirma que “os mitos são as rudes teorias que o espírito humano, ainda na infância do conhecimento, inventa para explicar os fenômenos naturais” (BATES, 1944, vol. I, p. 108). Daí o problema em se equiparar os relatos de viajantes com pesquisas antropológicas ou descrições científicas, ou tomá-los, segundo o que se vê no estudo de Barreto alhures referido, como o polo não ficcional que confirmaria a precisão das descrições ficcionais da elaboração literária de Inglês de Sousa quando esta coincidiria com aqueles.

Se, em algum momento, houve apropriação pelo romance de relatos de viagem (embora o inverso não deva ser descartado), os efeitos de sentido mudam de acordo com o ambiente em que são lidos. Um é o efeito de uma descrição verossímil da Amazônia sendo lida por letrados no Sudeste do Brasil, outro será o efeito da mesma descrição sendo lida pelos membros do museu de Londres, que financiava as pesquisas de Bates. Assim, uma das implicações de se levar em consideração a existência das instâncias de mediação reside na atenção que se deve ter para as transformações que determinado objeto opera no ambiente de sua recepção e nos possíveis efeitos do ambiente de recepção sobre tal objeto, se podemos parafrasear desse modo o que Espagne expõe em seu artigo citado acima.

A “Amazônia” que comparece nos livros, portanto, sejam eles obras literárias ou relatos de viajantes (para não falar de tantos outros modos de se divulgar sua imagem e ideias a seu respeito), é fruto de apropriações e interpretações que impedem que a descrição que se lê seja tomada como objetiva transposição da realidade para o texto. Entre uma e outro há mediações que não podem ser desconsideradas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGASSIZ, Louis. *A journey in Brazil*. Boston: Ticknor and Fields, 1868.
- AGASSIZ, Luiz & AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil, 1865-1866*. Tradução e notas de Edgar Süsssekind de Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- BANDEIRA, J. C. de Souza. O padre catholico e a catechese. *Revista Brasileira*. Tomo XX, 1899, p. 109-127.

- BARBOSA, Francisco de Assis. Retratos de Família. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968.
- BARRETO, Mauro Vianna. *O romance da vida amazônica – uma leitura socioantropológica da obra literária de Inglês de Sousa*. Presidente Venceslau, SP: Letras à margem, 2003.
- BATES, Walter Henry. *O naturalista no Rio Amazonas*. Tradução, prefácio e notas de Candido de Mello – Leitão. Volume I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- _____. *O naturalista no Rio Amazonas*. Tradução, prefácio e notas de Candido de Mello – Leitão. Volume II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia (tentativa de esclarecimento). In: _____. *Literatura e sociedade – estudos de teoria e história literária*. 3 ed. (revista). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- EAGLETON, Terry. *Criticisms and ideology – a study in marxist literary theory*. London: Verso Editions, 1978.
- ESPAGNE, Michel. Transferências culturais e História do Livro. *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. São Paulo: Ateliê Editorial, n. 2, p. 21-34, agosto 2012.
- JOHNSTON, Ivan M. The Botanical Activities of Thomas Bridges. *Contribution from the Gray Herbarium of Harvard University*. N. 81, p. 98-106, 1928.
- JOZEF, Bella. Apresentação. In: _____. *Inglês de Sousa – textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1963.
- LEVIN, Orna Messer. The Amazon and the literature of the North: critical reviews in XIX century. Artigo inédito a ser publicado no próximo número da *Revista Brasil/Brazil*.
- MALIGO, Pedro. *Land of metaphorical desires – The representation of Amazonia in Brazilian Literature*. New York: Peter Lang, 1998.
- MITTERAND, Henri. *Le regard et le signe – poétique du roman réaliste et naturaliste*. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira – volume II Realismo e Simbolismo*. 5. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.
- NEEDELL, Jeffrey D. *A tropical belle époque: elite culture and society in turn-of-the-century Rio de Janeiro*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SALES, Antonio. Os nossos acadêmicos. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro: Tomo X, p. 32-53, abr./jun. 1897.
- SEAMAN, William H. The Victoria Regia. *Proceedings of the American Society of Microscopists*. Fourteenth Annual Meeting. Vol. 13, p. 163-164, 1891.
- SOUSA, Inglês de. *O coronel Sangrado (Cenas da vida do Amazonas)*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968.
- WYLIE, Lesley. *Colonial tropes and postcolonial tricks – rewriting the tropics in the novela de la selva*. Liverpool: Liverpool University Press, 2009.

Recebido em 29.07.2015

Aceito em 15.01.2016